

Roberto Allegrí

A Mãe de Calcutá

Madre Teresa

Prefácio de Al Bano Carrisi



EDITORIAL A.O.

Título original:

La mamma di Calcutta
Madre Teresa
© Ancora Editrice – Milano
ISBN 978-88-514-1720-8

Tradução

Manuel Losa, s.j.

Na Capa

Foto: © Agência Lusa

Capa

Francisca Cardoso

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal nº

412988/16

ISBN

978-972-39-0819-0

Julho de 2016

Com todas as licenças necessárias

©
**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRÁGA
Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441
www.apostoladodaoracao.pt/livros@snao.pt



Prefácio

Parecia irradiar luz

Ao longo da minha vida, tive ocasião de conhecer três santos, enquanto estavam neste nosso mundo. Em criança, estive com o Padre Pio, em San Giovanni Rotondo. Como artista, cantei sete vezes para João Paulo II, em vários países, por ocasião das suas visitas. Mas foi sobretudo o encontro com a Madre Teresa de Calcutá a marcar-me de modo mais profundo e a deixar-me uma recordação tão íntima que, com o passar do tempo, se torna cada vez mais preciosa.

Encontrei-me com o Padre Pio em 1955. Eu tinha doze anos. Na minha família, todos falavam dele. As minhas tias falavam deste frade misterioso que vivia no Gargano e que operava prodígios. Um dia, decidiram ir a San Giovanni Rotondo, levando-me com elas. Tenho recordações precisas daquela viagem, ainda que fragmentadas. Chovia e estava frio. A viagem de autocarro durou muitíssimo. Lembro-me de uma grande árvore que ficava diante da entrada do convento de San Giovanni Rotondo, e recordo que, no interior da igreja, senti um perfume muito forte de incenso e também de violetas.

As minhas tias e eu confessámo-nos ao próprio Padre Pio. Mas, por mais que me esforce, não consigo lembrar-me da cara dele. Talvez porque a sobreponho ao que vi depois, em centenas e centenas de fotografias. Mas tenho bem presentes as suas mãos,

com as meias-luvas. Fascinavam-me. Era pouco mais que uma criança e certamente que não tinha a consciência de estar perante um grande santo. Posteriormente, já adulto, compreendi quem era, verdadeiramente, o Padre Pio.

O meu primeiro encontro com João Paulo II aconteceu em 1995. Mas o Papa Wojtyła entrara no meu coração já em 1978, quando fora eleito Pontífice. A sua figura, enérgica, robusta, vista nos jornais e na televisão, tinha-me encantado, e as suas palavras, desde os primeiros discursos, haviam-me entusiasmado de modo extraordinário. Continuei a seguir tudo o que lhe dizia respeito, sonhando poder, um dia, encontrar-me com ele. E esse dia chegou, em junho de 1995. Fui recebido com toda a família em audiência pelo Papa Wojtyła e foi uma emoção inesquecível. Depois disso, cantei para ele sete vezes. Recordo, em particular, o estádio Maracanã, no Rio de Janeiro, em 1997, onde cantei para 150 mil pessoas. E também lá estava o Papa. João Paulo II era a força da fé personificada. Olhava para ti, e tinhas a certeza de que poderia ler-te na alma. Não incutia submissão, era o olhar de um pai para os filhos. Não podia deixar de sentir afeto por ele.

E, por fim, Madre Teresa.

Comecei a conhecê-la através dos jornais. Os relatos da sua atividade com os mais pobres entre os pobres despertavam em mim curiosidade e fascinavam-me. Aquela pequena mulher não dava a impressão de ser uma freira que ajudava os necessitados, parecia sim ser ela própria uma pobre que vivia uma vida de privações. Era uma deles e, por isso, compreendia-os e amava-os de um modo totalmente novo.

Como milhões e milhões de pessoas em todo o mundo, tornei-me um admirador da Madre Teresa. E depois, um dia, eis o golpe de sorte, o presente que o Céu me concedeu: o encontro

com ela. Foi em maio de 1986. A minha filha Cristel nascera no dia de Natal de 1985. Já tinham passado cinco meses e ainda não a tinha batizado. A razão estava no facto de eu querer evitar que o sacramento do batismo se transformasse numa manifestação mundana barulhenta, com fotografias, curiosos e coisas do género, como sucedera no meu casamento. Desejava que fosse uma verdadeira cerimónia religiosa, íntima e respeitadora dos valores sacramentais. Eu viajava continuamente, por razões de trabalho, e não conseguia organizar aquela cerimónia da forma como desejava.

Um dia, confidenciei isso a um amigo jornalista, que se ofereceu para organizar o rito em Roma. Ele conhecia um sacerdote, o P. Sérgio Mercanzin, que, na altura, era secretário de um bispo eslovaco emigrado em Itália, refugiado do seu país, onde tinha sido condenado à morte por causa da sua fé. O bispo chamava-se Pavel Hnilica e era muito amigo da Madre Teresa. Tinha sido ele, em 1968, a convencê-la a abrir uma casa das suas Missionárias da Caridade em Roma, ajudando-a nessa tarefa. O meu amigo jornalista contara ao P. Sérgio a admiração que eu sentia pela Madre e, assim, o P. Sérgio pensou fazer-me uma surpresa extraordinária, pedindo à Madre Teresa que fosse madrinha da Cristel. Fê-lo por meio de monsenhor Hnilica, e a Madre Teresa mostrou-se entusiasmada. Preocupou-se até em recordar que ela, porque vivia na Índia e andava sempre a viajar pelo mundo, não poderia seguir de perto o crescimento religioso da menina, como é dever de uma madrinha de batismo. Mas assegurou que haveria de ser uma «madrinha espiritual» atentíssima, afetuosa e muito comprometida. Jamais esqueceria nas suas orações aquela pequena «afilhada».

A cerimónia realizou-se na capela privada de monsenhor Pavel Hnilica, que celebrou o rito. Estava presente, evidentemente, a

Romina, minha mãe Jolanda, e o padre Sérgio Mercanzin, secretário do monsenhor, e mais duas ou três pessoas. Um rito íntimo, denso de espiritualidade, de misticismo. Como eu desejava.

Depois da cerimônia, dirigimo-nos para o Célio, onde a Mãe tinha um dos seus centros. Ela estava rodeada pelas suas Irmãs, e todas festejavam a pequena Cristel. A Madre Teresa tinha-a nos braços, com uma ternura comovente.

Estando tão perto da Mãe, podia observá-la bem. Tinha o Sol nas costas e parecia ser ela a irradiar luz. Tinha a sensação de que não era uma pessoa sozinha, mas uma multidão inteira. Emanava dela a energia de uma multidão. Recordo que era pequena, minúscula, encurvada. Trazia vestido o seu habitual hábito branco bordado de azul, de feitiço indiano, e uma camisola de lã. Tinha o terço do Rosário à cintura. E calçava umas simples sandálias, gastas e deformadas. O seu rosto era incrível: escuro, fincado de rugas. Fazia-me vir à mente a cortiça das oliveiras ou, então, a terra de Salento, gretada pelo Sol. Apesar de ser idosa – já tinha 76 anos – irradiava uma tal força, que parecia mais jovem do que todos nós. Os seus olhos eram profundos e dulcíssimos. Aproximou-se de mim e abraçou-me com ternura. Nunca mais esqueci aquele abraço.

Logo a seguir ao nascimento da Cristel, diversas agências fotográficas tinham-me oferecido muito dinheiro para terem o exclusivo das imagens da menina e, sobretudo, do batismo. Mas não aceitei. Jamais «venderia» imagens da minha filha. No entanto, por ocasião daquele batismo especial, pensei em aproveitar a oportunidade para fazer beneficência. Escolhi um fotógrafo de confiança. Encarreguei-o de executar uma *reportagem* ampla da cerimônia e, depois, vender as fotos a quem as solicitasse, com o compromisso preciso de doar o lucro às obras da Madre Teresa.

E assim sucedeu. As fotos foram publicadas em todo o mundo e renderam uma quantia notável. Alguns meses depois, foi a própria Cristel a entregar nas mãos da Madre Teresa um envelope contendo um cheque apreciável para os seus pobres.

A partir daquele momento, foi sempre assim: quando tive oportunidade, ajudei as Missionárias da Caridade, a Congregação fundada pela Madre Teresa.

A Cristel cresceu recordando a Madre Teresa. A minha filha tem consciência de ter tido como madrinha uma grande santa. E vive este privilégio com responsabilidade, procurando fazer o bem. Há nela algo de especial, místico, de uma pureza única. Tornou-se uma mulher decidida, empreendedora e criativa. Nunca me pede nada, deseja fazer tudo sozinha e nisto parece-se comigo. Fez várias experiências no campo artístico, e com sucesso. Na intimidade, é generosa, sensível aos problemas dos outros. Sei que pensa muitas vezes na Madre Teresa, e em nome da sua «madrinha», sem qualquer publicidade, faz-se útil a quem tem necessidade. Este é um dos motivos pelos quais, há algum tempo, quis vir comigo à Jordânia visitar os campos de refugiados.

Madre Teresa marcou muito também a minha vida. Depois do batismo da Cristel, estive com ela outras vezes. A 16 de setembro de 1987, também estive presente no Palácio dos Desportos de Bolonha, no famoso megaconcerto *Um sinal pela vida*, desejado pelo cardeal Giacomo Biffi, por ocasião do Congresso Eucarístico diocesano, e transmitido, em direto, pela televisão, na Raiuno. Foi o próprio cardeal a convidar-me, e aceitei com muito entusiasmo. Tratou-se de um autêntico evento, do qual ainda se fala. Havia políticos, representantes da cultura, cantores, atores, industriais, e um público de mais de 10 mil pessoas. Madre Teresa viera diretamente da Índia. Na sua intervenção, falou do dom da vida.

Mas, para dizer a verdade, não suscitou muito entusiasmo. As suas ideias iluminadas pela fé não estavam em sintonia com as de parte do público. Em particular, com certas correntes políticas e ideológicas apoiantes do aborto. Ao meu lado tinha alguns ministros famosos e, no momento dos aplausos, parecia terem algemas nos pulsos. Para mim foi espontâneo pôr-me em pé e aplaudir calorosamente. Fui logo imitado por outros admiradores da freira e, em poucos momentos, todo o público estava de pé e o aplauso, de morno, transformou-se numa ovação que parecia não mais acabar.

Em 1998, um ano após a sua morte, fui à Índia visitar os lugares onde a Madre vivera e onde está sepultada. Também estive numa das suas leprosas. Uma experiência fortíssima. À entrada daquele lugar detive-me, indeciso: tinha medo, repugnância. Depois pensei nela e ganhei coragem. Vi a realidade dramática na qual a Madre atuava com tanto amor. Olhei nos olhos aqueles seres sofrendores, dilacerados pelo terrível mal. Ainda transporto dentro de mim aqueles olhos implorantes, que sobressaíam como lanternas na penumbra,

Há alguns anos, quis compor uma música para um poema da Madre Teresa. E, em 2008, inseri a composição num álbum meu ao qual dei, como título, o primeiro verso daquele poema, *Dá o melhor de ti*. Em junho de 2009, a Albânia atribuiu-me o Prémio Madre Teresa, e foi o Presidente da Nação, Bamir Myrteza Topi, a conceder-me o reconhecimento. Entre os inumeráveis prémios que recebi no decurso da minha longa carreira, considero este como um dos mais significativos, sobretudo pela motivação, expressa com esta bela frase: «Pela promoção dos valores da humanidade e da liberdade, por meio da música». Um compromisso que sempre procurei perseguir, em particular depois de ter conhecido a Madre Teresa.

Como para milhões de pessoas do nosso tempo, também para mim esta pequena freira albanesa, que viveu quase sempre na Índia e que agora é oficialmente proclamada santa, foi uma guia preciosa, afetuosa como uma mãe, um exemplo luminoso. E estou verdadeiramente feliz por entregar algumas das minhas recordações a respeito da Madre Teresa para se tornarem o prefácio do livro de Roberto Allegri, que conta a sua história. Roberto e eu somos muito próximos. Por várias razões, mas sobretudo por alguns ideais em que ambos acreditamos e que procuramos servir. Também ele é um admirador apaixonado de «Teresa, a mãe dos pobres», e demonstra-o abertamente com a escrita deste livro. Uma escrita tecida de história, mas sobretudo de devoção e de amor.

AL BANO CARRISI

A MÃE DE CALCUTÁ

Esta é a história da Madre Teresa de Calcutá.

Mas não se trata de uma biografia. É antes a apresentação das etapas mais importantes da sua existência, contada de forma romaneada. Baseada em factos, cartas, orações, intuições.

O exemplo da Madre Teresa implica toda a gente, espicaça as consciências de cada um, seja crente ou não. O seu olhar dulcíssimo sussurra à sensibilidade de cada um pensamentos, sonhos imagens e um caminho a seguir. As páginas que se seguem são a minha resposta ao seu apelo.

ROBERTO ALLEGRI

1916

O rebento

Chama-se Agnes.

Mas o amor da sua família rebatizou-a, chamando-lhe «Gonxha» que, em albanês, significa «reberto». Apelido de vidência, mais do que de afeto, porque todo o rebento é promessa de beleza, é cor aninhada em si mesma, destinada a abrir-se e a brilhar.

Do mesmo modo, aquela menina ossuda tornar-se-á uma flor de extraordinário poder, um Sol de amor para os outros, um exemplo de tal forma luminoso que terá capacidade de escrever a História.

Agnes nasceu em 1910. Vive em Skopje, pequena cidade nos Balcãs, disputada entre a Albânia, o mundo islâmico e o eslavo. Um caldeirão de etnias e tribos, de religiões diversas e cantos populares macedónios ao som do çifteli, de febres políticas que fervilham como mosto, no coração da gente.

Seu pai chama-se Nikola Bojaxhiu e é comerciante. Sua mãe é Drane e ensina-lhe a rezar o terço, quando, à noite, a família se reúne em casa.

Agnes tem uma irmã, Ágata, e um irmão chamado Lazar.

O pai tem os três em círculo à sua volta, dá um beijo leve na testa de cada um e depois envolve-os com as suas palavras, feitas de tepor, como o de uma velha estufa no inverno.

«Deus deu-nos tanto», diz. «Somos afortunados, porque possuímos uma bela casa, roupa, comida na mesa. Por isso, nunca devemos esquecer quem não tem nada. As pessoas que têm fome e o olhar perdido, as crianças que não têm que vestir e não têm remédios quando adoecem».

«O vosso pai tem razão», acrescenta, sorrindo, a mãe Drane. E os seus olhos reluzem como a manhã, olhando para os filhos.

«Procurai nunca aceitar nada, se não o podeis dividir com os outros. Lembrai-vos de que o egoísmo é uma escravidão que aprisiona o nosso coração».

«É por isso que vamos ver a velhinha, mamã?», pergunta Agnes com voz de cristal.

«É claro que sim», responde a mãe. «É dever de quem tem levar ajuda a quem não tem».

A velhinha de que Agnes fala é Gazuri, de 70 anos, abandonada pelo filho numa barraca miserável, sem possibilidade de procurar comida. Vive de recordações, aguarda, em vão, à porta, o regresso de quem esqueceu o seu amor de mãe. Mas espera também Drane e os seus filhos, que a visitam todas as semanas, a encher-lhe a despensa de comida e o coração de afeto e cortesia.

Durante estas visitas, Agnes observa a mãe, aprende dela a compaixão pelos outros, bebe todos os seus gestos, enquanto a vê limpar a cabana, fazer a cama, pentear com ternura os longos cabelos da velha Gazuri.

A menina acompanha Drane também a visitar File, uma alcoólica que nem sequer consegue lavar-se sozinha. E uma viúva que vive, com os seus sete filhos, num casinhoto.

Sem o saber, aquilo é uma aprendizagem para Agnes. A miúda, que no futuro será chamada Madre Teresa de Calcutá, apropria-se dos ensinamentos silenciosos de dedicação, compreende as dife-

O rebento

renças, coloca na balança as diversas necessidades, individuando as reais, aprende a apoiar-se no muro sólido da fé.

O rebento nutre-se do exemplo altruísta da mãe, cresce e torna-se forte. E começa a abrir as pétalas, a fim de receber a luz do Sol.

Índice

Prefácio – <i>Parecia irradiar luz (Al Bano Carrisi)</i>	5
--	---

A MÃE DE CALCUTÁ

1. 1916 – O rebento.....	17
2. 1917 – A esperança de Natal	21
3. 1917 – Tantas interrogações	25
4. 1918 – A primeira dor.....	29
5. 1919 – Mais perto dos pobres.....	35
6. 1921 – Uma nova consciência	37
7. 1922 – Sonhando com a Índia.....	39
8. 1923 – Escolhas.....	43
9. 1924 – O padre Anthony	45
10. 1928 – Eis o caminho	49
11. 1928 – O futuro entre os dedos.....	51
12. 1928 – A nova vida	53
13. 1929 – A Madre Irwin de Rathfarnham	55
14. 1929 – Índia	59
15. 1931 – Irmã Teresa.....	63
16. 1941 – A mãe das mães	67
17. 1946 – O grande massacre	73
18. 1946 – Voltar a Darjeeling	77
19. 1946 – A estação do inferno.....	81
20. 1946 – A voz.....	87
21. 1946 – Uma nova vida	93
22. 1946 – Incompreendida	97
23. 1946 – A proibição e o exílio.....	101

Índice

24. 1948 – Sozinha pelas ruas de Calcutá	107
25. 1948 – Como uma mãe.....	111
26. 1949 – Madre Teresa	113
27. 1951 – A regra	117
28. 1953 – Um lugar para morrer em paz.....	119
29. 1956 – O dom maior	123
30. 1970 – O mundo numa bolsa	125
31. 1979 – Prémio de pobreza.....	129
32. 1986 – As lágrimas de um Papa.....	131
... mais uma página, ainda	133
Cronologia da vida de Madre Teresa.....	137
Índice	149